



um credor da fazenda da nacional





Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cia São Jorge de Variedades

Um credor da fazenda nacional [livroeletrônico] /
Qorpo-Santo ; coordenação editorial, preparação e revisão
do texto Alexandre Krug ; adaptação Cia São Jorge
de Variedades. -- São Paulo : Cia São Jorge de Variedades,
2024. -- (Cia. São Jorge de Variedades : 25 anos)
PDF

ISBN 978-85-61343-29-3

1. Drama 2. Qorpo-Santo, 1829-1883 3. Teatro
brasileiro I. Krug, Alexandre. II. Título. III. Série.

25-255711

CDD-792

Índices para catálogo sistemático:

1. Teatro 792

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

um credor da fazenda da nacional

Qorpo-Santo

Roteirização dramática livre pela

Cia São Jorge de Variedades

a partir das peças “Um Credor da Fazenda Nacional”,
“Dous Irmãos” e “O Marido Extremoso ou O Pai Cuidadoso”

CIA SÃO JORGE DE VARIEDADES

Título :: **Um Credor da Fazenda Nacional**
Autor :: **Qorpo-Santo (José Joaquim de Campos Leão, 1829-1883)**
Adaptação e roteirização :: **Cia São Jorge de Variedades**
Capa, projeto gráfico e diagramação :: **Sato do Brasil**
Coordenação editorial, preparação e revisão do texto :: **Alexandre Krug**
Edição :: **Cia São Jorge de Variedades**

NOTA EDITORIAL

“UM CREDOR DA FAZENDA NACIONAL” foi o segundo espetáculo da Cia São Jorge de Variedades, estreado em setembro de 1999, após mais de um ano de pesquisa e ensaios. Ele se propunha como uma tentativa de espetáculo totalizante da obra de José Joaquim de Campos Leão, o autointitulado Qorpo-Santo, um dos autores mais admiráveis e sui-generis da dramaturgia brasileira. Em se tratando ao mesmo tempo do trabalho de conclusão da então formanda Georgette Fadel no curso de direção teatral da ECA-USP, a escolha do autor era movida por um pressentimento: era o material perfeito para expressar a perplexidade diante de uma realidade brasileira absolutamente fragmentada, em que a fome convivia com a alegria e a precariedade com a esperança, e a violência reinando nas mais diversas formas. O desejo de questionar e compreender essa situação levava o grupo a tentar buscar a origem dos problemas e um autor ‘antigo’ como Qorpo-Santo oferecia, já em sua época, se não a raiz, pelo menos um retrato bem claro do que vivemos. O momento politicamente confuso e estagnado (meados da era FHC) parecia pedir um olhar singular sobre as coisas: um olhar como o de Qorpo-Santo.

Gaúcho que viveu no séc. XIX durante a monarquia, diagnosticado como monomaníaco, privado judicialmente de seus direitos, escarnecido por seus contemporâneos e esquecido até sua redescoberta um século depois, Qorpo-Santo, assim como Bispo do Rosário e outros artistas de sua estirpe, parece ter construído sua obra a partir de uma necessidade profunda e obsessiva: o impulso incontrollável de compreender e abranger exaustivamente a realidade e o mundo. Sem obedecer sempre a uma lógica cartesiana em suas peças, despejou nelas toda sua indignação contra as autoridades da época; ao mesmo tempo, deixou expresso o conflito interior com seus próprios princípios morais. O resultado é a tensa convivência de polos opostos: natural X artificial; moral X irônico. As peças de Qorpo-Santo, como toda sua “Enciclopédia”, acabam se caracterizando por uma estética da ‘precariedade’: esboços de tramas, rabiscos de personagens, quadros curtos, sucessão de diferentes atmosferas e estilos.

O fragmento, assim, estava escolhido como o próprio instrumento de trabalho dramatúrgico, não só para se falar de uma atualidade fragmentada, mas pela própria natureza da obra de Qorpo-Santo. A pesquisa incluiu a leitura do volume com o teatro completo do autor, de onde foram selecionados os quadros específicos que vinham ao encontro de um discurso sobre o Brasil daquele presente. Durante o processo, adotou-se a peça **“Um Credor da Fazenda Nacional”** e seu personagem-título como o eixo de todo o espetáculo, que aos poucos ganhou mais força, equilibrando a estrutura fragmentada numa sequência de quadros inter-relacionados. Visto de outro modo, a história do “Credor”, um texto minúsculo de apenas sete páginas, foi sendo enriquecida por outras histórias do autor, basicamente trechos das peças: “O Marido Extremoso ou O Pai Cuidadoso” e “Dous Irmãos”. A história resultante é a de um homem comum perdido nos corredores da burocracia, tentando desesperadamente receber o que o Estado lhe deve, procurando em vão entender porque não recebe seu dinheiro. Sua trajetória de anti-herói forma um painel cômico, grotesco e surreal onde a miséria e a violência revelam um cotidiano de insólitos. A figura do Credor aparece em diferentes situações envolvendo a religião, o futebol, o comércio, a festa, a sexualidade e a relação Estado / cidadão. Ao final, o Credor está na mesma situação precária de onde partiu, sobrando apenas o eco de seu grito de indignação e uma vaga possibilidade de transformação: ele talvez vislumbre a necessidade de romper sua alienação e transformar os trilhos que determinam sua vida. O trabalho dramatúrgico do grupo não excluiu a utilização de outras referências textuais e criações da própria companhia, porém procurou se aferrar ao universo de Qorpo-Santo, adaptando cada cena, quando necessário em busca do movimento orgânico da situação. A linguagem particular do autor, marcada pela época, foi sempre que possível mantida. Na música para o espetáculo, procurou-se nas referências latinas e brasileiras – sobretudo nos sambas clássicos – um contraponto para a relação do Credor com seu país, sua terra. Hinos em tom patriótico livremente compostos pela Cia aludem no texto à noção contraditória de uma ‘pátria’ querida e ao mesmo tempo opressora e militarizada. Dentro de sua enorme variedade, **“Um Credor da Fazenda Nacional”** definia-se como uma comédia – uma comédia composta de pequenas tragédias cotidianas e uma grande tragédia nacional. Daí que muitas vezes fosse utilizado como subtítulo não oficial do espetáculo aquele da peça “Dous Irmãos”: “notas para uma comédia”.

Alguns apontamentos podem ser feitos para a melhor apreciação e a leitura desta edição. Em primeiro lugar, é preciso notar que à época da montagem o grupo nunca possuiu um roteiro escrito do texto, baseando-se sempre na memória, em anotações e no próprio volume de teatro completo de Qorpo-Santo. Era um roteiro ‘vivo’, constantemente reformulado. Houve apenas uma tentativa de transcrição à época, que ficou inconclusa e não registrou todas as mudanças que a dramaturgia sofreu até o fim da trajetória do espetáculo. A segunda questão é exatamente esta: uma dramaturgia ‘viva’, aberta permanentemente a alterações.

Na busca por uma linguagem teatral própria da Cia. São Jorge de Variedades, que melhor explorasse os textos e assuntos abordados, a pesquisa do espaço cênico representava também um ponto crucial para o grupo. A relevância colocada sobre o espaço cênico decorreu naturalmente da compreensão de que ele é fator determinante da qualidade da recepção que o público tem de um espetáculo. Ao mesmo tempo, o tipo e a disposição do espaço influenciam decisivamente a qualidade da relação ator-espectador. Pesquisar o espaço era pesquisar esta relação e as possíveis formas de atuação que a estabelecem. **“Um Credor da Fazenda Nacional”** radicalizou a pesquisa de espaço da Cia., ao propor um espetáculo itinerante, em que o público se deslocava junto com os atores por virtualmente todas as áreas do prédio do teatro: a rua em frente, o hall, os corredores, o palco, as coxias e os fundos. Assim, o público acompanhava fisicamente a via-crucis absurda de um cidadão nos meandros da burocracia. Buscava-se oferecer novos ângulos e formatos que despertassem a sensibilidade do espectador, e obrigando-o a tomar decisões sobre qual caminho seguir, em que direção olhar.

A radicalidade da montagem, com apenas cinco atores, exigia um pequeno estudo de cada um dos lugares em que era encenada, visando aproveitar ao máximo a espacialidade que ofereciam. Inevitavelmente, soluções cênicas inusitadas vinham surpreender o espectador, com uma dinâmica permanente de perspectivas próximas e distantes. A sensação física do espaço ganhava uma importância capital na recepção da história – por exemplo através do ar de clausura de corredores estreitos. A ideia da proximidade física do público, de um espectador ‘desprotegido’ que passava pelas mesmas situações que o personagem do Credor, exigia plateias pequenas – de 20 a 50 pessoas. Inicialmente projetada para explorar os prédios dos teatros, a montagem também foi levada a uma infinidade de espaços não convencionais, como escolas, museus, centro acadêmico, porões de shopping, presídio feminino e até mesmo a própria rua, sempre de forma itinerante. Os cinco atores desdobravam-se em cinquenta, dando forma a uma multidão de ‘personagens-cometa’ que atravessavam a trajetória do Credor, o ponto de orientação narrativa do público, fundando lugares, inventando a cena diante do espectador, mudando a cada instante e com grande margem de improviso. A montagem colocava, então, um foco intenso na interpretação, na dança cênica do elenco, concentrando neles o poder de comunicação. O ator como centro do espetáculo era uma opção estética e ideológica: ver o homem como o ser transformador da sua realidade. O resultado é que o espaço e os intérpretes produziam uma densa dramaturgia, tanto quanto as palavras dos textos de Qorpo-Santo.

Esta edição procurou exprimir esse caráter, ‘aberto’ e ‘inconstante’ da dramaturgia. Mais do que simplesmente transcrever as falas e identificar os textos de Qorpo-Santo utilizados, buscamos descrever, nos aproximar da dramaturgia produzida pela itinerância no espaço e também das ações e imagens que os intérpretes produziam, por exemplo em momentos inteiros sem falas, apenas ações ou com falas improvisadas. O registro dessa edição, portanto, fez escolhas para uma leitura enriquecida, resgatando inclusive imagens e ações que ficaram pelo caminho nas muitas reformulações do espetáculo, de modo que o leitor aqui vislumbre a dramaturgia completa que a Cia criou, e, ao mesmo tempo, perceba claramente a abertura para as infinitas possibilidades que este material poderia proporcionar.

ATO 1

(Lado de fora ou saguão do local do espetáculo. O público espera para entrar e assistir a função que vai iniciar. Ouve-se de repente uma algazarra de briga: barulho de pancadas, insultos, coisas batendo. ZÓIO NÓIA e BOCA, para a surpresa do público, saem correndo de algum lugar, aos gritos de “filha da puta!” etc. Vestem-se como moradores de rua: roupas esfarrapadas, encardidas, carregam sacos de plástico, latas. BOCA está grávida. Ao mesmo tempo, um ATOR surge num ponto mais distante e acompanha a ação com um toque intermitente de corneta. Os três primeiros correm um instante e então dividem-se em dois grupos contrários: NÓIA e BOCA atiram pedras em ZÓIO, que se separa xingando e vai então vistoriar as lixeiras próximas em busca de algo que valha a pena. A corneta cessa. NÓIA e BOCA observam ZÓIO por um momento e resolvem roubar-lhe a sacola. Vêm correndo e o assaltam por trás, saindo em disparada. Volta o som desconexo de corneta. ZÓIO os persegue e acaba alcançando BOCA, derruba-a e lhe dá vários pontapés na barriga, gritando “filha da puta!” até cansar e cair no chão também. A corneta cessa. NÓIA, alheio, revista a sacola roubada, enquanto come um pão velho e bebe de uma garrafa plástica. BOCA, toda estropiada, ofegando e amparando a barriga, vai se levantando e tenta pegar a garrafa d’água.)

NÓIA

(Recusando-se a dar a garrafa.)

Sai fora, sai fora!!

(Boca arrebatada a garrafa e NÓIA, irritado, dá-lhe um empurrão e joga o pão velho na sua cabeça.)

Sua filha da puta!!

BOCA

(Revoltando-se com tudo aquilo.)

PAAARA!!! Para!! Para ...

(Voltada para o público.)

Paremos com as experiências de pau! Passemos agora às experiências de pensamento!

(NÓIA e ZÓIO assistem, curiosos. BOCA bebe sofregamente da garrafa e em seguida tosse e cospe sangue na mão. Como se tivesse um pensamento capturado na palma da mão, BOCA lança-o para o ar rumo ao horizonte.)

Lá vai um!!

(O ATOR faz com pratos um som metálico que paira, vibrando. NÓIA, junto com ZÓIO, observa atônito a trajetória invisível do pensamento. De repente lembra-se da briga com ele e o golpeia com a sacola.)

NÓIA

Filha da puta!!

(Saem os dois correndo ao som da corneta. BOCA olha o horizonte, olha o público e vai saindo lentamente.)

ATOR

(Canta cerimoniosamente ao som intervalado dos pratos, enquanto observa a figura de BOCA saindo.)

Oh imagem da perfeição

Oh alegria imaculada

(Volta-se para o público e anuncia.)

Quando a Criação ainda era nova, e todas as estrelas brilhavam no seu esplendor original, os deuses fizeram uma festa nos céus e cantaram:

Oh imagem da perfeição

Oh alegria imacu –

(Percebe à distância um vulto que vem se aproximando do local: é o CREDOR. Aponta para ele. Usa óculos, veste um terno marrom surrado e sandálias de couro.)

Mas parece que algo se rompeu na corrente de luz. Parece que uma das estrelas se perdeu...

(O CREDOR toca uma sinetinha, anunciando que chegou. O ATOR toca outro sino em resposta. O CREDOR aproxima-se, traz na mão um papel dentro de uma capa de plástico. Veste um terno marrom velho, sandálias e óculos quadrados. Os cabelos são prematuramente grisalhos. Vem cansado da caminhada.)

CREDOR

Por favor!...

ATOR

Pois não?

CREDOR

O senhor poderia me informar se é aqui que eu recebo o conteúdo a respeito desse requerimento?

ATOR

(Olha para o prédio e para o público ali parado antes de responder.)

Sim, é aqui mesmo!

CREDOR

E está a Sra. Inspetora?

ATOR

Está!

CREDOR

(Esperançado.)

Ah, obrigado!

(Adianta-se para entrar no local.)

ATOR

(Deixa-o passar, faz então uma objeção que o detém.)

Porém – desgraçadamente – não se lhe pode agora falar...

(Surgem três mulheres com roupas e véus de religiosas, ou DISCÍPULAS, que cantam ao ritmo lento de pandeiro e tantã. Enquanto cantam, fazem o público entrar no local. O ATOR entra primeiro e desaparece.)

ESPERA MAIS UM ANO

(Composição de Noel Rosa, 1931.)

DISCÍPULAS

*Espera mais uma ano que eu vou ver
Vou ver o que posso fazer
Não posso resolver nesse momento
Pois não achei o teu requerimento.
No samba tu quiseste me perder
Tentaste pra folia me arrastar
Mas hoje que eu não quero me prender*

*Procura um coronel pro meu lugar.
Tu foste sempre a minha diferença
Chegaste a me obrigar a te bater
Já chega de pancada e desavença
Espera mais um ano que eu vou ver!*

(Ao final da música, todo o público já entrou, colocando-se junto com o CREDOR numa sala de espera, de preferência um corredor estreito. Num plano mais elevado, à entrada do corredor, a DISCÍPULA 1 vem trazendo uma mesa com rodinhas sobre a qual há um homem sentado na posição de lótus, as palmas apoiadas sobre os joelhos e viradas para cima. Está quase nu, tem apenas uma espécie de fralda e uns óculos escuros. As outras DISCÍPULAS ficam junto do público.)

DISCÍPULA 1

Apresento-lhes o Sr. Quadrado, há pouco chegado da Europa... dos Estados Unidos, onde aprendeu a arte de tudo quebrar e nada endireitar. Fará aqui algumas experiências; será um pequeno espetáculo em uma das mais admiráveis artes.

(Enquanto ela fala, limpa simbolicamente com um lenço as mãos e o alto da cabeça do homem. Uma luz celestial o envolve.)

QUADRADO

Pouco, minhas senhoras e senhores, eu sei fazer; pouco estudei: ainda assim, farei o que puder, e da melhor maneira possível para entretê-los.

(Enquanto ele fala, a DISCÍPULA 2 sobe lentamente até colocar-se bem à sua frente, levanta então o vestido em sua direção. QUADRADO, após falar, ergue alto uma das mãos e a enfia violentamente entre as pernas da DISCÍPULA 2. Percebe-se, por trás do pano do vestido, que ele procura extrair algo do corpo dela. Toda a operação é acompanhada do som forte do tantã, entremeado com ladainhas de rezas e trechos de hinos de clubes de futebol.)

DISCÍPULA 1

*Botafogo, Botafogo
Campeão só em 1910*

DISCÍPULA 3

*Diábolo tu mora no corpo do homem
Despoja-te de tuos benes materiales*

(Afinal, QUADRADO arranca de dentro da DISCÍPULA 2 um leque finamente rendado. Ainda segurando o vestido, ela olha embasbacada para o leque que lhe saiu de dentro, enquanto QUADRADO estende a outra mão para a DISCÍPULA 1, que lhe entrega uma

ferramenta pontuda, perfurante. QUADRADO olha para o alto e eleva o leque e a ferramenta, movendo os lábios numa espécie de ladainha. A música sobe até o máximo. De repente, QUADRADO crava a ferramenta no leque. A música cessa. Com violência, ele destrói por completo o leque, retomando em seguida uma postura plácida. QUADRADO lança um gemido ritual. A DISCÍPULA 1 recolhe a ferramenta e os restos do leque. A DISCÍPULA 2 retira-se para baixo, passando pela DISCÍPULA 3, que vem subindo. Cumprindo uma espécie de ritual, as duas detêm-se frente a frente e cospem-se ao mesmo tempo, uma sobre a boca da outra. A DISCÍPULA 3 sobe até QUADRADO e coloca-se de costas para ele, que enfia solenemente uma mão entre seus seios, procurando também extrair-lhe algo. Voltam os hinos de futebol.)

DISCÍPULA 1

Vasco é o time da virada

Vasco é o time do amor...

(QUADRADO extrai do seio da DISCÍPULA 3 um fino lenço, também rendado. A DISCÍPULA 1 lhe passa uma enorme tesoura, ele a ergue e vai retalhando lentamente o lenço, enquanto a música cessa. QUADRADO lança um gemido ritual. Meio tonta com a operação, a DISCÍPULA 3 torna a descer. QUADRADO, após destruir o lenço, encolhe a cabeça, como se meditasse. A DISCÍPULA 1 volta a recolher as coisas, mas dessa vez percebe alguém na multidão. Cochicha algo ao ouvido de QUADRADO.)

QUADRADO

(Sem olhar, ergue devagar o braço e aponta para o CREDOR.)

O senhor aí!

(Ergue a cabeça e olha o CREDOR fixamente, estendendo solícito a mão.)

Poderia me ceder o seu relógio?

(O CREDOR, surpreendido, olha para trás e em volta para ver se é com ele mesmo. Ergue o pulso como perguntando se se trata mesmo do seu relógio. QUADRADO confirma.)

Ééé ...

(Se algum outro espectador oferece o relógio, ele é aceito, e repete-se a ação para pedir o relógio do CREDOR.) Constrangido, o CREDOR dá as costas e resolve ir embora, pois não vai arriscar o relógio, que é praticamente seu único bem de valor, ainda que talvez mais afetivo que material. Balbucia alguma desculpa.)

CREDOR

Vocês vão me desculpar, gente, mas acho que eu entrei na sala errada... eu só vim ver o negócio aqui do papel e caí aqui... mas muito bonito viu, muito interessante... todo mundo muito simpático... mas eu vou seguir tá, tô precisando aqui viu, boa sorte pra vocês!...

(Vai saindo pelo meio do público. As DISCÍPULAS entreolham-se e a DISCÍPULA 3 começa a cantar, à capela, o hino do Corinthians. As outras DISCÍPULAS a seguem, acompanhando com vozes e instrumentos.)

HINO DO S.C. CORINTHIANS PAULISTA

(Composição de Edmundo Russomanno e Benedito Lauro D'Ávila, 1952/1953.)

DISCÍPULAS

Salve o Corinthians

O campeão dos campeões

Eternamente

Dentro dos nossos corações

Salve o Corinthians

De tradições e glórias mil

Tu és orgulho

Dos desportistas do Brasil

Teu passado é uma bandeira

Teu presente é uma lição

Figuras entre os primeiros

Do nosso esporte bretão

Corinthians grande

Sempre altaneiro

És do Brasil

O clube mais brasileiro

(Vê-se que o CREDOR se detém logo às primeiras notas do hino, como se lhe fosse impossível ser indiferente a ele. Aos poucos, denotando um intenso conflito interno, ele se vira e resolve retornar. Cada vez mais decidido, o CREDOR vem marchando ao ritmo do hino, sorrindo para o público e cantando junto o hino, até parar ao lado de QUADRADO, estendendo-lhe o relógio.)

(O fim súbito do hino coincide com o momento em que QUADRADO pega o relógio, mas eis que o CREDOR, arrependido no último instante, não o larga. Se estabelece um impasse, com os dois segurando o relógio. QUADRADO e o CREDOR se olham, olham o público, olham o relógio. O CREDOR então cede e solta o relógio. Voltam as rezas. A DISCÍPULA 1 traz um saco de veludo, onde QUADRADO introduz solenemente o relógio. A música vai subindo. Então ela lhe entrega um enorme e pesado martelo, para desespero do CREDOR. QUADRADO o gira no ar por duas vezes, suspende-o no alto, lança um grito ritual e vai martelar o saco com o relógio sobre a mesa. O CREDOR, atônito, tira o saco no último instante, impedindo a martelada.)

CREDOR

(Gaguejando. Ri de nervoso e desespero.)

Eu... tenho um lenço aqui comigo, eu... a gente podia trocar...

(As DISCÍPULAS reagem rápido à interrupção, agarram e imobilizam o CREDOR, tomam-lhe o saco e o obrigam a assistir o final da operação. QUADRADO repete os giros do martelo, o grito e então desfere várias marteladas no saco com o relógio. Suspense. QUADRADO vira o saco e as peças destruídas do relógio caem sobre a mesa. As DISCÍPULAS soltam o CREDOR e colocam-se ao lado de QUADRADO.)

QUADRADO

(Em estado de graça, para o CREDOR.)

Nunca fiz uma operação tão bem feita!

(QUADRADO e as DISCÍPULAS agrupados cantam um hino em tom patriótico. O CREDOR, curvado sobre a mesa, fica tentando recompor seu relógio esmigalhado ou guardando pecinhas no bolso do paletó.)

QUADRADO e DISCÍPULAS

*Quando milhares de feras
Tentaram fazer a desgraça geral
Houve um triunfo completo
Os mares repletos de cabeças e corpos
Felizmente viveremos, continuaremos a viver
Tranquilos, felizes, a ordem por base
A ordem, a ordem por base.*

(Pausa. As DISCÍPULAS então saem rindo, arrastando a mesa de QUADRADO. O CREDOR ficou sozinho com o público. Ele encara público, constrangido, e então incorpora uma atitude de que “não foi nada”, há coisa mais importante a fazer ali. Percebe que a porta da repartição está aberta e mostra ao público.)

CREDOR

Olha aí, abriu... Vamos lá gente...

(Dirige-se para o interior da repartição, sempre com o seu papel dentro do plástico. O público o segue. Chegam a uma espécie de sala de espera, com bancos. Ouve-se um sinal de alerta tipo sirene e a seguir uma voz monótona de um megafone em off, que começa a recepcionar o público, como se tivessem todos assuntos a tratar ali. Vai ajudando o público a passar para a nova sala, guiando, dando instruções e pedindo sempre um pouco mais de paciência:)

RÁDIO DA FAZENDA NACIONAL

Atenção, atenção. Todos os contribuintes e credores da Fazenda Nacional. Esta é a sua RÁDIO DA FAZENDA NACIONAL. Vamos iniciar nossa programação do dia. Estamos aqui para atendê-los. Vamos entrando com tranquilidade, muita calma, sem pressa. Tomem os seus lugares. Nossos funcionários são especializados e treinados e dentro de instantes estarão aqui para resolver as suas pendengas. Acompanhe nossa programação e nossos avisos. Somos a Rádio da Fazenda Nacional. Por enquanto vamos aguardar pacientemente. (Etc.)

(O público termina de acomodar-se. Duas aberturas na sala levam a outros pontos da repartição, cujo interior porém não se vê.)

CREDOR

(De pé, para o público, fazendo gestos de confiança e fé.)

Esta é a vigésima sétima vez que eu venho a esta repartição. E talvez hoje seja o grande dia em que saia com o meu dinheiro.

(O CREDOR olha impaciente para as aberturas. Silêncio total. Como nada acontece, ele saca do bolso a sinetinha, mostrando ao público que já conhece as manhas da repartição. Toca a sinetinha e espera. Nada acontece. Toca outra vez. Nada acontece. Intrigado, resolve entrar numa das aberturas para ver o que está acontecendo. Mal dá um passo para dentro e um apito estridente soa, e uma avalanche de funcionários, numa espécie de fila precedida pelo CHEFE, seguido por MEIO-QUILO, o CONTÍNUO e o PORTEIRO, irrompe pela abertura, todos falando ao mesmo tempo. Os funcionários disputam a atenção do CHEFE, cada um tentando que ele atente para o assunto burocrático que lhe importa. O CHEFE atende a todos e ao mesmo tempo a nenhum, nunca se detém ou olha pra trás. O PORTEIRO continua tocando o apito. O CREDOR, colhido de surpresa, dá um salto pra trás; tenta falar, ao mesmo tempo em que procura não ser pisoteado pela fila.)

CHEFE

...Eu já falei que NÃO! O carimbo azul é na pasta rosa! E o carimbo rosa é na pasta azul! Quantas vezes vou ter que repetir?! – Não, isso é só com caneta vermelha... Não posso assinar assim! (Etc.)

MEIO-QUILO, PORTEIRO e CONTÍNUO

Chefe, assina aqui, Chefe!!... (Etc.)

(A fila leva o CREDOR de roldão e sai pela outra abertura, sumindo de vista. Silêncio por um segundo. Ouve-se novamente o apito e a algazarra e a fila volta, tão inexorável quanto antes, o CREDOR à frente, quase sendo atropelado.)

CHEFE

...e é como eu estou dizendo: a câmara rio-grandense está precisando de mais um deputado e já faz tempo, já faz muito tempo!! – Não! Esse você despacha, o outro, arquiva e aquele, devolve! Com caneta preta!... (Etc.)

MEIO-QUILO, PORTEIRO e CONTÍNUO

Vai assinar ou não vai?? Assim não é possível!! Um dia inteiro pra pegar uma assinatura!! (Etc.)

(A fila desaparece pela primeira abertura e volta o silêncio, mas dessa vez o CREDOR ficou na sala e torna a sacar a sinetinha. Espera pelo retorno dos funcionários, como numa emboscada. A fila volta.)

CHEFE

...inconstitucionalissimamente!!!! E além disso os morcegos estão comendo os abacates maduros!! (Etc.)

MEIO-QUILO, PORTEIRO e CONTÍNUO

Pelo amor de deus, Chefe!! (Etc.)

(O CREDOR atravessa seu braço na abertura, cortando-lhes a passagem, e toca furiosamente a sinetinha. Tudo para. Os funcionários aglutinam-se na abertura e olham fixamente para a sinetinha. Num só movimento, as cabeças olham para o CREDOR. Finalmente dão por ele. Olham para o público.)

CONTÍNUO

É ele...

CHEFE

De novo!

PORTEIRO

De novo!

CREDOR

Está o Sra. Inspetora?

TODOS

Está!!!

PORTEIRO

Mas...

[CHEFE e os outros desaparecem para dentro, continuando o movimento anterior: “Não quero nem saber, não vou assinar assim!”/“Mas, Chefe!” etc. Ficam só o PORTEIRO – que veste um traje cinza de segurança e uma touca preta – e o CREDOR.]

PORTEIRO

...não se lhe pode agora falar! (Fechando a porta.)

CREDOR

Por quê?

PORTEIRO

Está muito ocupada!

CREDOR

Em quê?

PORTEIRO

Tem gente aí com ela!

CREDOR

Quem é?

PORTEIRO

Um major!

CREDOR

Demorar-se-á muito?

PORTEIRO

Ignoro!

CREDOR

Pois diga-lhe que lhe quero falar. É sobre um dinheiro que eu devo receber e...

PORTEIRO

Não posso ir lá agora!

CREDOR

Mas é que eu precisava...

PORTEIRO

Não posso ir lá agora!

[O CREDOR tenta insistir várias vezes, o PORTEIRO responde sempre automaticamente “Não posso ir lá agora!”. Até que o CREDOR cansa.]

CREDOR

E quantas horas estarei eu aqui à espera de que o Sr. Major saia para que eu entre?...

[Ouve-se de repente um grito militar de dentro da repartição, acompanhado de um ritmo de marcha. O PORTEIRO faz um gesto para o CREDOR querendo dizer: “é ele que vem aí!”. O MAJOR surge na outra abertura. Sua figura é composta por dois atores, um montado sobre o outro: o de cima tem capacete, um bastão de oficial e um bigodinho militar; o de baixo está encapuzado e marca os movimentos do MAJOR com o som de um pandeiro.]

CREDOR

[Ao deparar-se com o MAJOR, que é seu conhecido, tenta aparentar tranquilidade.]

Ah, o Sr. Major! O Sr. por aqui! Disseram-me que tinha ido a Brasília há dias!

MAJOR

[Avança enquanto o CREDOR fala, até obrigá-lo a se deitar no chão pra não ser atropelado. Para sobre o CREDOR. A parte de cima e a de baixo fazem a voz ao mesmo tempo.]

Tenho tido aqui numerosos afazeres. Por isso, não sei quando irei.

[Continua seu caminho, passando por cima do CREDOR.]

CREDOR

Fique certo que sinto o mais vivo prazer de vê-lo no gozo da mais perfeita saúde!

MAJOR

(Detém-se quando o CREDOR fala, lembra-se de algo, dá um giro e avança ameaçador.)

Onde é aqui a tesouraria?

CREDOR

Na tesouraria estamos, mas o tesoureiro está lá embaixo!

(O MAJOR responde com um “Hmpf!” e volta por onde veio, para onde crê estar o tal tesoureiro. O PORTEIRO intervém.)

PORTEIRO

Lá não! Lá está o pagador!

(A informação contraditória confunde o MAJOR, que volta na direção do CREDOR e vem olhando para todos os lados, cambaleando e batendo o bastão nas paredes; o pandeiro vai dando contraponto a sua confusão. Ele passa pelo CREDOR e vai seguir seu caminho quando o CREDOR o chama.)

CREDOR

Sr. Major!...

(O MAJOR leva um susto e dá um grito: “AAAAHHHH!!!”, virando-se em posição de ataque. A parte de cima aponta para o CREDOR com o bastão, a de baixo com uma pistola, tremendo de susto. Há um momento de pavor e suspense.)

CREDOR

(Com todo cuidado.)

... acho que é aqui mesmo, na segunda porta à direita...

MAJOR

(Recompondo-se.)

Ah! Então... para lá vou!

(O MAJOR sai ao som do pandeiro. Na abertura, a parte de baixo e a de cima ainda se atrapalham sobre pra que lado ir, mas finalmente desaparecem.)

CREDOR

(Esperançoso.)

Agora entro eu.

PORTEIRO

(Advertindo.)

Está lá o Sr. Leopoldino Contador!...

CREDOR

É célebre! Então vou à secção respectiva saber se foi informado o meu requerimento!

(Mostra seu papel e faz gestos de confiança para público. Vai entrar mas o PORTEIRO o chama.)

PORTEIRO

Psiu! A senha!

(Entrega um número para o CREDOR, que o pega constrangido e sai. O CONTÍNUO entra com um carrinho carregado de papéis.)

Que diabo de homem este! Tem vindo a esta repartição mais de um cento de vezes...

CONTÍNUO

Faz ele muito bem em vir cá! Por que será que ninguém o consegue ajudar?

PORTEIRO

(Em tom confidencial.)

Eu também preciso de ajuda. Você pode me ajudar?

CONTÍNUO

(Após uma pausa.)

Não...

(Da metade desta conversa em diante, começa a se ouvir sons, estrondos e berros de trás da primeira abertura, primeiro baixinho, no fundo, depois aumentando de volume até o máximo, coincidindo com o fim do diálogo.)

CONTÍNUO

É que tem havido tantos males, que enumerá-los talvez fosse impossível!

PORTEIRO

Olha, eu estou vendo o dia em que entra por aqui uma força armada, vai aos cofres e rouba quanto neles se acha. Acende um facho e lança fogo em tudo quanto é papéis!

CONTÍNUO

(Apavorado, como se já enxergasse o que o outro diz, enquanto o barulho por trás da porta chega ao auge.)

Ih! Ih! Parece que já estou ouvindo o tinir das espadas!

PORTEIRO e CONTÍNUO

A voz do canhão troar!!!

(O PORTEIRO e o CONTÍNUO abrem de par em par a porta de onde vinha o barulho. Vê-se uma turba furiosa que vem correndo aos gritos, armada de paus de diferentes tamanhos e vestindo capuzes pretos. São três: um grandão com uma enorme bastão e camisa da seleção brasileira onde se lê nas costas em letras tortas: “DUNGA”; outro baixinho, com um pau pequeno e o capuz cobrindo o rosto até os olhos, chamado CÓRNEO; o terceiro é o CREDOR. A corrida, apesar de desembestada, possui um ritmo e eles vêm enfileirados lado a lado. Eles vêm de frente para o público, parecendo que vão cair sobre os espectadores e fazer uma matança. Chegando quase em cima do público, eles voltam no sentido contrário, dão uns cinco passos e voltam pra cima do público, repetindo o movimento. Todo o movimento tem ao mesmo tempo um quê de exercício marcial, coreografia, guerra real e brincadeira. As toucas do PORTEIRO e do CONTÍNUO viram capuzes pretos: o primeiro saca uma pistola, o segundo agarra um pau e ambos incorporam-se ao movimento da turba. As idas e vindas são cada vez mais alucinadas e acabam num movimento frenético, cada um parado no seu lugar da fileira, golpeando à direita e à esquerda com seu pau. Tão frenético é o movimento, que os óculos do CREDOR voam longe, caindo aos pés do público. Subitamente cego, ele dá um grito de desespero.)

CREDOR

Aaaaahhhnnn!!!

(O grito chama a atenção dos outros quatro, que paralisam o movimento e olham todos ao mesmo tempo para o CREDOR. Intimidado, ele sai Tateando e balbuciando em busca de seu óculos até achá-lo no chão. Os outros, melindrados, avançam sobre ele e o cercam, ameaçando-o com as armas. Acuado, ele pensa desesperadamente em como se safar e tem uma ideia: levanta-se em direção ao público e faz com seu bastão uma espécie de saudação militar acompanhada de sons.)

CREDOR

Hu! Tch-tch-hu!!!

(Os outros, diante da saudação, aprumam-se como se recebessem um comando e imitam o gesto com suas armas.)

ENCAPUZADOS

Hu! Tch-tch-hu!!!

(Ficam parados, como na posição de “apresentar armas”, olhando fixamente o público. O CREDOR vira-se lentamente e vê os outros parados. Mais esperançado de se safar, vira-se para os outros encapuzados, de costas para o público, e repete a saudação.)

CREDOR

Hu! Tch-tch-hu!!!

(Os outros dão meia-volta como num comando e repetem a saudação na mesma direção, parando novamente em posição de “apresentar armas”, de costas para o CREDOR e o público.)

ENCAPUZADOS

Hu! Tch-tch-hu!!!

(O CREDOR verifica que sua ideia funciona mesmo e olha feliz para o público. Resolve ‘experimentar’ seu poder e repete a saudação, só que desta vez suave, como uma canção de ninar.)

CREDOR

Huu! Tch-tch-huu...

(Os outros, ao comando, saem marchando suavemente e repetindo a saudação militar em tom de canção de ninar.)

ENCAPUZADOS

Huu... Tch-tch-huu... Huu... Tch-tch-huu...

(De repente, rompem a marcha aos gritos e formam um círculo, incluindo o CREDOR. Começam todos a rodar, dando golpes ritmados pra cima e pra baixo com suas armas, gritando, num crescendo. Parece um misto de brincadeira, ritual e exercício. De repente, DUNGA dá um berro: alguém acertou seu dedinho. A roda se rompe, todos fogem para os cantos, apenas o baixinho CÓRNEO fica ali, sem saber pra que lado correr. DUNGA sacode e assopra seu dedo, então vê CÓRNEO ali parado, atônito.)

DUNGA

(Responsabilizando CÓRNEO por seu dedo, faz-lhe a saudação, só que agora como um desafio: o bastão para em posição de ataque.) HU!! TCH-TCH-HU!!

CÓRNEO

(Olha pra todos os lados, mas não há saída. Olha para o público e engole seco. Responde então ao desafio, estendendo seu pauzinho.)

Hu!... Tch-tch...hu!...

(Os outros vêm correndo e conferem o bastão de DUNGA de alto a baixo: é bem comprido. Correm até CÓRNEO e conferem seu pauzinho: é ridiculamente menor. Constatam que ele está mesmo ferrado e voltam pros cantos pra assistir a luta. DUNGA e CÓRNEO fazem uma preparação para o combate, como um dancinha em círculo.)

DUNGA

(Ataca em câmara lenta, num golpe horizontal. A voz corresponde à velocidade do movimento.)

Guaaaardee-see deestee taaalhooo!

CÓRNEO

(Também em câmara lenta, com a cara de pavor, vê o bastão chegando lentamente. Abaixa-se no último instante e a velocidade da cena volta ao normal. Pede um tempo.)

Não se aflija, espere; quero pegar arma igual.

(Faz menção de sair.)

DUNGA

(Bate o bastão no chão, proibindo o outro de sair.)

Nada! Quero medir a minha espada com o seu florete... Portanto, defenda-se!

(Enquanto fala isso, se aproxima em altas passadas e conclui com um golpe certo sobre CÓRNEO, que estava agachado. O pauzinho deste impede que o bastão lhe rache o crânio.)

CÓRNEO

Defendo-me; mas não é próprio de estudantes!

DUNGA

(Confere seu bastão e volta ao ataque.)

O bom jogador, com qualquer arma se defende!

(Escapa por entre as pernas de DUNGA. Começam a lutar no estilo da esgrima.)

CÓRNEO

Sim, mas não é próprio de estudantes! Ei, olha lá!!

(DUNGA cai nesse velho truque e olha pra trás, tentando ver algo no teto. CÓRNEO lhe dá um chute na bunda que o derruba. Orgulhoso, põe-se a comemorar com o público.)

CÓRNEO

Eu sou mau!! Muito mau!! Bad, bad, bad!!...

(DUNGA levanta-se e vem devagar, fica bem atrás de CÓRNEO, que não o vê. Prende-o pelo pescoço com o bastão, sufocando-o. A comemoração vira um ganido de cachorro aflito.)

DUNGA

Se não atira melhor, faço-lhe voar o florete pelos ares!

(Como se estas últimas palavras fossem mágicas, os braços de ambos se elevam para os ares como se algo os atraísse e eles ficam um instante subitamente entorpecidos, enquanto ouve-se um som hipnótico que paira no ar e seus olhos giram nas órbitas, até que ambos saem um para cada lado simultaneamente, como se se desgrudassem daquele estado e ao mesmo tempo um do outro. Voltam a si e olham-se. DUNGA caminha para CÓRNEO com um olhar diferente. Este ergue seu pauzinho para defender-se, mas DUNGA imediatamente dá um golpe com o bastão, atirando o pauzinho longe. CÓRNEO quer ir buscá-lo, mas DUNGA o agarra pelo braço quando ele passa. Ficam bem próximos e olham-se bem nos olhos. DUNGA põe a mão no ombro de CÓRNEO e o faz ir descendo, até deitar-se. Ajoelhado a seu lado, começa a passar a mão sobre o peito e o pescoço de CÓRNEO, que fecha os olhos e se entrega totalmente. DUNGA abaixa o capuz de CÓRNEO e lhe dá um beijo na boca. Fecha os olhos também. Vai erguendo-se numa espécie de êxtase.)

DUNGA

Quem luta... não dá tempo ao seu contrário para preparar armas... Lá vai!!

(Vai dar o golpe de misericórdia no adversário indefeso, mas eis que detrás de uma parede próxima surge o PORTEIRO com uma pistola, encosta-a na cabeça de DUNGA e o detém a tempo.)

PORTEIRO

Hei!! Pois também quando os estudantes não são cavalheiros, encontram outros que lhes tiram a proa, pondo-se ao lado do cavalheirismo!

(CÓRNEO escapa e refugia-se atrás das pernas do PORTEIRO.)

Ou há de jogar de florete, ou há de esperar que o meu amigo apanhe arma igual! Escolha! Se nem uma, nem outra coisa, então a luta é comigo! Ao menor movimento, um tiro de pistola na cabeça ou no peito! Na cabeça!! Ou no peito!!!

DUNGA

Sendo assim, eu não jogo mais.

(Deposita o bastão no chão.)

Nem de espada, nem de florete e muito menos de pistola. (Ao público.) Eu só queria era demonstrar que quando se luta, não se escolhem armas!

(Frustrado com a atitude do outro, evitando a luta, o PORTEIRO dá-lhe um tiro na orelha. Ele grita apavorado, mas prossegue o discurso.)

Que se ataca ou se defende com as armas que temos!...

(O PORTEIRO lhe dá um tiro na perna, ele grita de novo e cai.)

...mas se não querem, senhores, Eu não ensinarei mais!!

(Ergue-se e foge para o fundo da sala que se vê pela porta aberta. Atira-se num buraco.)

PORTEIRO

(Chamando os outros.)

Vamos nos divertir por uns cinco minutos!

(Todos correm para o buraco e, um de cada vez, como numa fila, castigam o homem que se jogou ali.)

Livre-se desta na barriga!!

(Dá um tiro no buraco; ouve-se os gritos. Todos comemoram e riem.)

CÓRNEO

No fígado!!

(Enfia o seu bastão; gritos.)

CONTÍNUO

No pescoço!! (Dá vários golpes com o bastão; gritos.)

CREDOR

Na cabeça!!! Aaaahhh!!!

(Golpeia como os outros, porém se entusiasma e passa a bater cega e furiosamente, sem parar, até largar o bastão e jogar-se no buraco para bater com as próprias mãos. Os outros entreolham-se e o retiram do buraco. Ele se desvencilha e, sentindo-se um grande guerreiro, corre novamente até perto do público.)

Agora há de ser de lança!!!

(PERNA-DE-GALINHA vem correndo do fundo com um ar de guerreiro oriental: na verdade é o próprio CONTÍNUO, que também se entusiasmou. Derruba o CREDOR no chão e o ameaça.)

PERNA-DE- GALINHA

liiááááááá!!! Veremos agora quem é o valente!! Um lançamento pela direita!!

(Investe contra o CREDOR.)

CREDOR

Cuidado, senão eu morro!!

(Todos se atiram na refrega e ficam embolados, lutando.)

(Ouve-se de repente um grito rouco e o tilintar de um sino. Todos ficam paralisados. Novamente o grito rouco e o sino. Rapidamente, eles se erguem e formam uma fileira: percebe-se que alguém muito importante vem vindo. A voz rouca, autoritária, se aproxima. Surge lateral- mente, passando entre o público e a fileira. É um velho caquético e corcunda que usa um hábito preto como um monge jesuíta. Traz um grosso cajado numa mão e na outra o sino. Segue gritando e olha fixamente para o público – seu rosto é meio disforme, cheio de tiques. Para ao chegar na outra ponta da fila.)

O MESTRE

Bravos! Vivam os nossos discípulos! Estão prontos, prontos e mais prontos! Já podem debelar os inimigos dentro e fora da pátria!

(Exaltado, o CREDOR grita alto a saudação e é imitado pelos outros, que apresentam as armas, batendo os bastões no chão e disparando a pistola. O MESTRE, severo, chama sua atenção e prepara-os para cantar. O MESTRE os rege e começam. Apesar do esforço e do entusiasmo, eles são terrivelmente desafinados.)

TODOS

Em presença de nosso Mestre
Desce tudo e saia gente
Que aprendeu, que aprendeu
Que aprendeu de um grão Tenente!

(Repete-se os dois últimos versos.)

(O MESTRE, contente, vai agora passá-los em revista. Vai até o primeiro da fila, o PORTEIRO, e com um grito rouco ordena que ele se manifeste.)

PORTEIRO

Yeeees, man!!

(Satisfeito, O MESTRE lhe dá tapinhas no rosto ou no ombro e passa para o seguinte.)

PERNA-DE GALINHA

Uá-kará-matá!!

(O MESTRE aprova e passa para o seguinte.)

CÓRNEO

(Vai dar o maior berro do mundo, mas a voz não lhe sai.) It's – hhhnnn...

(Desespera-se e continua tentando gritar.)

(O MESTRE, subitamente desapontado, faz “tsk, tsk”, arranca-lhe o bastão – que havia pertencido a DUNGA – e crava-o na barriga de CÓRNEO, que cai morto: um buraco na fila. Dando a entender que não poderia tolerar aquilo, O MESTRE se volta para o último: o CREDOR. Este, nervoso, dá um grito fraquinho; O MESTRE desaprova e prepara-se para liquidá-lo também. O CREDOR, desesperado, reúne suas forças e dá o maior berro do mundo, longo, um uivo. O MESTRE dá sinais de aprovação, mas o CREDOR está tão tomado que se joga sobre o MESTRE e o beija na boca. Ambos caem, O MESTRE completamente surpreendido, fica no chão gemendo, O CREDOR se ergue e fica gritando e comemorando. O CONTÍNUO e o PORTEIRO fecham a porta atrás de si e tiram os capuzes. Ficam a sós novamente com o público, como antes da cena.)

CONTÍNUO

(Aliviado.)

Estou um pouco mais animado! Parece-me que isto não é comigo, hem? O que achas? Que diabo, eu nada fiz, o que devo temer!? Sou muito pacífico.

PORTEIRO

Cuzão!... Tu sempre foste um cuzão! De tudo te assustas; de tudo tens medo! Diabo! Toma juízo! Deixa-te de covardia!

CONTÍNUO

Ora! Eu não entendo o que é ter juízo! Vivo em minha casa. Trabalho incessantemente em proveito meu e de minha família. Não ofendo a pessoa alguma! Dizei-me: o que é ter juízo, hein?

[Sai irritado.]

PORTEIRO

Ter juízo é ... “cometer”!!... E ai, que também já estou ficando doente...

[Insuflado pela força e a síntese da própria definição, volta a desempenhar suas funções, dirigindo- se ao público.]

Por favor, senhoras e senhores: os que ainda guardam alguma esperança de receber algum dinheiro ainda hoje, queiram passar para esta sala.

[Abre a mesma porta e vê-se uma sala com várias cadeiras espalhadas, voltadas para uma área aberta no centro. Desse centro saem corredores por entre as cadeiras, inclusive até uma saída coberta por uma cortina. Num dos corredores, caixotes como uma mesinha e cadeira de trabalho.]

[* Esta cena se dá de preferência no palco do teatro, com a plateia vazia.]

[O PORTEIRO retira-se. Sinal de sirene. Volta a RÁDIO DA FAZENDA NACIONAL, que vai falar durante quase toda a cena.]

RÁDIO

Bom dia! Voltamos com a sua Rádio da Fazenda Nacional, trazendo informação e entretenimento. Vamos nos transferir para o Sala 1. Devagar pelos nossos corredores, cuidado para não cair com a cara no chão. Você que esperou até agora, sente-se numa das cadeiras e aguarde um pouco mais para ser atendido por um de nossos funcionários. Escolha a cor da cadeirinha de sua preferência. Respirem fundo. Não percam, ainda hoje aqui um importante pronunciamento. Teremos também o “Momento do Relaxamento”. Tomem seus lugares e aguardem.

[Etc. Vai falando como um som ambiente.]

(Enquanto o público ainda está mudando de espaço, começa a ser auxiliado também pelos quatro funcionários da Quarta Secção. São eles: LEOPOLDINO CONTADOR, que veste óculos quadrados e gravata, tipo “bom funcionário”; MEIO-QUILO – um baixinho de chapéu e capa tipo detetive; BARBOSA, um velho muito corcunda, anda praticamente dobrado, com um capote e uma touca na cabeça; e o CHEFE, alto, sisudo, de camisa branca e gravata, a mão esquerda sempre atrás das costas. Alguns usam crachás. Vão dando instruções e ajudando o público a se acomodar. O CHEFE recebe o público enquanto atende o telefone com um microfone invisível.)

CHEFE

Bem-vindos os contribuintes. / Queiram tomar seus lugares, por favor, obrigado. / Ainda temos cadeiras no setor Z. / Bom, muito bom. / Alô, 4ª secção. Não, isto é com a 5ª secção, obrigado. / Vamos a começar a atender imediatamente. / Ali, setor Y, obrigado. / Sr. Meio-Quilo, o sr. chegou atrasado. / Bom dia, Sr. Barbosa. / Onde está o Sr. Leopoldino? Nosso melhor funcionário.

(Etc.)

MEIO-QUILO

Cuidado com a cabeça, olhe o degrau... Aqui, o sr. pode sentar aqui.

(Etc.)

(Quando todo o público já se acomodou, os funcionários reúnem-se no centro e batem um relógio-ponto imaginário, batendo o pé no chão. A Rádio continua falando. Eles se dão bom dia e começam a trabalhar. Passam de mão em mão papéis e objetos de escritório, enquanto falam sem parar, dão instruções, fazem perguntas, comentários, repetem o que o outro diz etc. Passam grampeadores, gavetas, envelopes, livros velhos, pranchetas etc. além de objetos sem relação com a repartição, um pandeiro, um martelo de brinquedo etc. Destaca-se um enorme livrão de registro com capa de veludo.

Os bastões da cena de luta aparecem aqui como imensas canetas. Podem incluir a plateia na ação.)

FUNCIONÁRIOS

Pensão alimentícia. / É sedex internacional. / Esse é para o almoxarifado. / Arquivo geral. / Certo, Chefe. / Falta o carimbo. / Vai passando. / Pro achados e perdidos. / Isso, despacha. / Deferido. Não: indeferido! / Bom, muito bom. / Pensão por invalidez. / Copa. Isso é na copa! / Onde vai o requerimento nº 3? / Arquivo morto. Bem morto. / Excelente.

(Etc.)

(Do ponto da cortina vem surgindo o CREDOR, sempre com seu papel no plástico na mão. Vem tocando a sinetinha e tentando falar e chamar a atenção dos funcionários, que estão muito ocupados com a sua roda-viva de ações, enquanto a Rádio continua falando.)

CREDOR

Por favor... Boa noite, senhores, é a quinquagésima quinta vez que eu que venho a esta repartição... Eu preciso sair daqui hoje com o meu dinheiro... Senhores, com licença, por favor...

(O CHEFE, no meio da sua ação, pega o papel da mão do CREDOR, dá uma olhada e o despacha no meio da roda-viva.)

CHEFE

Urgência urgentíssima para este aqui!!

MEIO-QUILO

Certo, Chefe.

(Começa uma repetição de movimentos de entregar e receber o papel enquanto eles repetem “urgência urgentíssima”, mas o papel não sai da mão do CHEFE, até que o MEIO-QUILO pega o papel, mas quando vai levá-lo, toca a sirene, a Rádio anuncia alguma coisa.)

RÁDIO

Atenção, atenção, para o nosso “Momento Cívico” de hoje. “Para lembrar como é bom ser brasileiro”.

(MEIO-QUILO devolve o papel pro CREDOR. Os funcionários largam tudo que estão fazendo e reúnem-se no centro. Alguns de má vontade. Cantam um hino. O CHEFE leva a mão ao peito e estimula outros, que dormem, não sabem a letra ou não querem cantar. LEOPOLDINO canta entusiasmado com a mão no peito.)

FUNCIONÁRIOS

*Para mostrar como é bom ser brasileiro
E trabalhar na Fazenda Nacional
Dando a mão aos credores patriotas
Promovendo o benefício social.*

(MEIO-QUILO canta “sacrifício social”.)

RÁDIO

Esse foi o nosso Momento Cívico! E ainda hoje, na Rádio da Fazenda Nacional, o pronunciamento do nosso Excelentíssimo Sr. Presidente da República. Continue conosco, acompanhe nossa programação.

(Terminado o hino, recomeça uma algazarra de funções, todos falando, enquanto a Rádio continua sua programação com música ambiente, cantando MPB. Os funcionários pegam de volta o papel, tentam achar o registro do CREDOR em livros, pranchetas, papéis soltos etc. O CHEFE senta-se num banquinho e digita nas platinelas do pandeiro. Todos vão procurando e perguntando seu nome, que ele fala repetidas vezes, sem que eles entendam.)

BARBOSA

Está em nome de quem?

CREDOR

Meu! José Joaquim!

MEIO-QUILO

É... da Silva?

LEOPOLDINO

Rubicundo?

BARBOSA

Ou é de Sousa?

CREDOR

Não!! José Joaquim!!...

LEOPOLDINO

Rivaleda...

MEIO-QUILO

É Da Silva ou é De Sousa?

LEOPOLDINO

Revocata... Rapivalho...

CHEFE

(Achando que encontrou, enquanto digita as platinelas.)

Aahh! Pereira! Não?

... Então ...é Moreira? É Ferreira? É Oliveira! É Oliveira e é Teixeira e é Cerdeira e é Silveira!...

(Os funcionários vão se entusiasmando com os nomes e criam uma espécie de embolada. Cada um toca com algum objeto. O CREDOR começa a sambar, como que obrigado por uma força maior, ao mesmo tempo que continua tentando dizer seu nome.)

MEIO-QUILO

Coelho Neto, Coelho Neto / Cardoso, Magalhães / da Silva, de Sousa...

CREDOR

Não... É José Joaquim...

CHEFE

É Aroeira, Mangabeira, Madureira, Macaxeira e é Vieira! E é Figueira! É Espinheira e é Cerqueira e é Caldeira, Laranjeira, Pitangueira, Macieira, Goiabeira, Sexta-Feira, Quinta Feira, Quarta-Feira! E é Videira!

(O CHEFE dá uma pancada no pandeiro e interrompe a embolada. Cada um apresenta o resultado da busca.)

CHEFE

Castro!

MEIO-QUILO

Cirilo!

LEOPOLDINO

Dilermando!

CREDOR

(Explodindo.)

NÃO!!! É José Joaquim!!! Por favor, senhores, é um requerimento meu, assinado –

CHEFE

Sr. Credor: vamos tomar um café!!

(O funcionário MEIO-QUILO leva até o CREDOR uma bandeja de café imaginária. Todos fazem a mímica de agarrar uma xicrinha de café e bebem ao mesmo tempo. O CREDOR dá um berro e abana a boca: queimou a língua. Os funcionários entreolham-se e voltam por uma instante à sua rotina caótica. São interrompido pela Rádio.)

RÁDIO

E atenção, atenção. Chegamos agora ao nosso tão esperado “Momento de Relaxamento” de hoje!

(Funcionários param o que estão fazendo e correm pra tomar posição pro relaxamento, passam pelo CREDOR parado no caminho.)

LEOPOLDINO

Por favor, o sr. está atrapalhando o nosso serviço, com licença...

RÁDIO

Temos aqui em nossos estúdios a nossa queridíssima Marilena Alves! Já está se preparando para ocupar os nossos microfones para dar início a esse momento. É com você, Marilena!

(Entra a voz da instrutora, angelical. Os funcionários espalham-se pelo espaço. Vê-se que alguns adoram a instrutora e esperavam ansiosamente por isso. Quase choram de emoção.)

RÁDIO

Oláááá!... Bom dia a todos... Aqui quem fala é Marilena Alves... Vamos dar início ao nosso “Momento de Relaxamento” de hoje... Vamos começar com uma inspiração bem profuuunda...

(Os funcionários respiram fundo; alguns esquecem de soltar a respiração. BARBOSA faz todos os exercícios dobrado ao meio, olhando pro chão. O CHEFE não tira a mão de trás das costas, a outra fechada em punho pra frente. LEOPOLDINO não larga a prancheta.)

Cabeça para a direita... cabeça para a esquerda...

(Alguns, de tão tensos, só conseguem girar o tronco inteiro. BARBOSA dá voltas sobre si mesmo. O CREDOR, no centro, observa tudo entre curioso e impotente.)

Muito bem, agora, vamos esticar os braços em direção aos céus, como se pudéssemos alcançar o impossível... mais um pouquinho... mais um pouquinho...

(Erguem os braços. O BARBOSA, de tão encurvado, estica os braços pra frente. O CHEFE está todo contorcido em espiral tentando seguir as instruções.)

Vamos agora formar uma rodinha no centro da sala, lembrando que nosso colega de trabalho também pode ser um amigo...

(Ainda esticando os braços, eles vão formando a roda, olhando-se visivelmente constrangidos, tentando não se encostar muito. O CHEFE continua tentando balbuciar ordens.)

CHEFE

Rodinha, por favor, rodinha... obrigado...

RÁDIO

Agora vamos tornar essa rodinha um pouco mais compacta. Mais compacta, mais... mais...

CHEFE

Compacta, por favor, compacta...

(Eles se amontoam, em posições desconfortáveis e constrangedoras.)

RÁDIO

Agora vamos fechar os olhos e pensar em alguma coisa bem bonita!

(Fecham os olhos, tentando imaginar coisas bonitas, menos o CHEFE, que, com a cabeça de MEIO-QUILO encostada em seu peito, não sabe o que fazer, olha para os lados: impossível ver qualquer beleza; de repente, ele tem um ideia e fecha os olhos também. Todos entram num transe. LEOPOLDINO murmura alguma coisa como se estivesse sonhando. MEIO-QUILO, balbucia “unicórnio... unicórnio...”. O CHEFE balança a cabeça: “não, não...” De repente a sirene toca e o idílio acaba, todos levam um susto e tentam se desvencilhar sem conseguir, até que se separam bruscamente, voltam correndo pra suas ações. A rotina da roda-viva é retomada, mas agora cada vez mais frenética. A Rádio continua.)

RÁDIO

E este foi o nosso Momento do Relaxamento! E atenção, atenção: o funcionário que despachar o maior número de requerimentos, concorrerá a um mês de salário grátis! (Etc.)

CHEFE

Atendimento, por favor! Busca avançada, busca avançada!

MEIO-QUILO

Força total!

(Colocam o livrão de nas costas do BARBOSA como se fosse uma mesa e saem andando juntos freneticamente pelo espaço, procurando o registro correto. O CREDOR vai junto, tentando ajudar. LEOPOLDINO folheia o livrão furiosamente.)

LEOPOLDINO

Achei!!

CREDOR

Achou??

[CREDOR comemora, mas é apenas o relógio do espectador que participou a cena do QUADRADO, que estava no meio do livro.]

CHEFE

Muito bom, muito bom. Onde está o contribuinte proprietário? Ali! Devolva ao contribuinte, por favor.

[MEIO-QUILO devolve o relógio, retomam a busca no livrão, enquanto a RÁDIO volta a cantar MPB. A busca agora vira uma espécie de dança em torno do CREDOR, aparece um aparelho de telefone que toca, o CHEFE atende e vai distribuindo ordens, enquanto todos, inclusive o CREDOR, se enroscam no fio do telefone. A RÁDIO volta e toda a ação entra em câmera lenta.]

RÁDIO

Nota de falecimento. Faleceu esta manhã nosso querido colega Orlandinho Piracicaba. Tropeçou no fio do telefone e estourou a cabeça na quina do computador. Morreu todo ensanguentado, coitado, sozinho, depois de 53 anos de profissão. Exímio contador. Adeus, Orlandinho Piracicaba, adeus... adeus... E agora, com vocês, continua a nossa sequência musical na repartição.

[Volta a música ambiente, volta a dança frenética, mas agora cada vez mais agressiva entre os funcionários, com o CREDOR e seu papel no meio. Saltam, trombam, golpeiam-se.]

CHEFE

Eu já disse, acabo de receber uma reclamação de vocês da ouvidoria, entenderam?

[Joga objetos no colo do público.]

Reflexo!! Muito bom, muito bom! Reconfira, por favor, obrigado! (Etc.)

[Sirene da RÁDIO. Todos param onde estão e prestam atenção.]

RÁDIO

E atenção, atenção! Nosso excelentíssimo Sr. Presidente da República acaba de adentrar os nossos estúdios para um pronunciamento inédito. Especialmente direcionado a você, servidor da nossa Fazenda Nacional.

(Todos se preparam para ouvir, muito interessados, espalham-se pelo espaço, ajeitam a gravata, penteiam o cabelo etc.)

Muito bem, Sr. Presidente, vamos dar início ao seu pronunciamento. Por favor, fique à vontade, o microfone é seu!

(Voz do presidente. Ele pigarreia, tosse e começa a falar.)

Muito bem, meu povo garrido. É também um grande prazer estar aqui mais uma vez conversando com vocês. Venho hoje me dirigir especialmente aos caríssimos funcionários da Fazenda Nacional, para lhes dizer que... muito bem, levando-se em conta, meus amigos, que a atual conjuntura política, social, econômica, moral do país nos pede o quê? Paciência. Nos pede o quê? Ânimo, e nos pede o quê? Amor. E, não é, considerando que, vejam bem, o que foi, foi. E o que não foi, também não foi, e poderia ter sido também e deixou de ter sido, e também já passou. E, também, e principalmente, que, acima de tudo, os passos que damos nos levam além do que gostaríamos, porém não desejaríamos que acontecesse. E, que o caminho é longo, não é curto. E, que o caminho é estreito. E, que nós vamos criando. Levando-se em conta que estamos em períodos de reestruturações, reformas, em períodos de reorganizações, retenções, redensões, rearticulações, rearranjo, repolho, Renata, tudo isso. Considerando tudo isso, e mais um pouco, temos que comunicar, com muito respeito e sabendo da vossa realidade, venho lhes comunicar que os vossos salários serão, infelizmente, e não foi por falta de tentativa, nem de liberdade, mas os vossos salários serão, infelizmente, “unfortunately”... ssshrrkr ...

(Durante o pronunciamento os funcionários foram ficando muito preocupados, o CHEFE começa a ter taquicardia. Surge estática e chiado na transmissão e não se ouve o resto do discurso. Os funcionários ficam perplexos e logo em pânico. Saem todos juntos, andando em várias direções, aparvalhados, brigam, gritam, desabafam, um ataque histérico geral, com o CREDOR no meio pedindo calma.)

FUNCIONÁRIOS

O quê?? / Que foi que ele disse?? / Não deu pra ouvir!! / Assim não dá!! / Meio-Quilo, eu mandei consertar o alto-falante! / Quem foi que consertou? / Chefe, o sr. é um incompetente!! / A culpa é sua!! / Assim não dá! / 15 anos trabalhando aqui pra isso! / Vou terminar meus requerimentos que eu ganho mais! / Não quero nem saber! / Barbosa!! Cadê o carimbo? etc.

(Enquanto discutem, andando pra lá e pra cá, tentam continuar trabalhando, vão trazendo freneticamente objetos para o centro onde está o CREDOR, caixotes, papéis, vão cobrindo o CREDOR, que com seu papel na mão continua tentando pedir calma pra ser atendido.)

CREDOR

Calma... calma gente!...

(Ele acaba soterrado embaixo e por cima de tudo ainda colocam o livrão de registro.)

Calmaaaa!!!....

(Os funcionários se dão conta de que o estão soterrando e param tudo, perplexos. O CREDOR, estatelado no chão, ergue e abana o seu papel na mão, por entre a pilha de objetos. O CHEFE retoma as rédeas.)

CHEFE

Ahm... sim, calma! Muita calma. Vamos erguer o contribuinte, por favor... erguendo o contribuinte...

(Os outros levantam o CREDOR, que fica de pé estendendo o papel na mão.)

Respire fundo!

(O CREDOR crê que agora será finalmente atendido, mas o CHEFE continua.)

Cabeça pra direita...

(O CREDOR, mesmo sem entender direito, vai obedecendo as instruções, mais ou menos em transe.)

MEIO-QUILO

Esquerda...

BARBOSA

Levante os braços...

LEOPOLDINO

Dê três pulinhos com um som!...

CHEFE

Muito bom! Agora feche os olhos... e pense numa coisa bem bonita!

(O CREDOR, ainda em transe, hesita mas acaba obedecendo e vai falando baixinho com alguém do público.)

CREDOR

O sr. ... podia verificar se já está despachado o conteúdo desse... Obrigado, o sr. é muito gentil...

(Os funcionários aproveitam que ele está de olhos fechados e vão saindo de fininho.)

Obrigado... é a sexagésima-terceira vez que eu venho a esta repartição... e eu preciso receber o meu dinheiro hoje... Ah, que beleza, sem dúvida... dê o que me é de direito, por favor...

(O espectador lhe dá algum objeto da repartição que tinha consigo, ou outra coisa, ou nada. O CREDOR finalmente vai abrindo os olhos e se vê sozinho com o objeto ou nada nas mãos além de seu requerimento. Começa a rezar.)

Ó meu São Jorge querido, o senhor que me alimenta e me sustenta e deu parte desse mundo para eu carregar convosco. Por favor, me ampara nesse momento de sufoco e escuridão!

(O BARBOSA aparece em um canto e lhe fala, como se contasse um segredo.)

BARBOSA

Filho. Certos males são inevitáveis. Não há nada a fazer.

CREDOR

Meu senhor, eu compreendo. Por mais sábio que se seja, por mais providente que se possa ser, sempre nos sobrevêm males inevitáveis. Mas a moral, os bons costumes nos obrigam a lutar e a repelir...

BARBOSA

Mas não se pode ter tudo!

CREDOR

Senhor, por favor. O senhor tem um bom coração, não tem? Por favor! Me leve a este ente que me possa ajudar. A este messias que enxerga na escuridão e verte luz por todos os lados onde habitamos. A este homem América!... Europa, Estados Unidos!!...

BARBOSA

Está bem, está bem! Eu vou levar o senhor à Inspetora.

(O CREDOR fica exultante, abraça o público, comemorando.)

Mas... na segunda-feira! Hoje eu não posso, acabou o expediente, não posso...

ATO II

(BARBOSA vai saindo balbuciando desculpas, o CREDOR se desespera e quer ir atrás dele para insistir, mas ele some e uma música alta desvia a atenção. O espaço atrás da última fileira da plateia se ilumina. Está armado como um teatro de bonecos, enfeitado com luzinhas, onde os fantoches são os atores. Um deles toca um tantã e os outros cantam e dançam num baile.)

BONECOS

Oxóssi-ê, Oxóssi-á!

Oxóssi-ê, vai imbolê, vai imbolá!

(O TOCADOR e outros dois bonecos somem pra baixo e a música para. O último boneco não vê e continua, então fica com as palavras da canção no ar, olha em volta e some também.)

(Durante toda essa cena, as vozes são dubladas, como num teatro de bonecos, exceto a voz do CREDOR.)

(Surgem dois bonecos: DONA ANA, uma linda donzela com uma sombrinha com penduricalhos e BENICO, um dançante. BENICO corteja DONA ANA, indicando como ela é bonita.)

BENICO

Hmmm!! Peitchão, peitchão!!

(BENICO agarra os peitos de DONA ANA que, indignada, lhe dá um bofetão. Ele some pra baixo e volta fazendo um biquinho.)

BENICO

Boquinhas, abraços e beijos...

DONA ANA

Comigo não, violão!

(Um violão começa a tocar uma valsa. BENICO some. O boneco TOCADOR sobe lentamente tocando o violão. DONA ANA dança alegre. O CREDOR surge nas primeiras fileiras da plateia e começa a subir em direção ao baile, contornando as fileiras. Ao ver DONA ANA dançando, ele não se contém de emoção.)

CREDOR

Meu Deus, Dona Ana! Eu tive um dia duro! Eu só penso em dinheiro! Mas hoje, Dona Ana eu quero só é pensar em nós dois, pelados, no chuveiro!!

(Tropeça e cai no meio das fileiras. Levanta-se, atrapalhado.)

Pois pra aguentar essa vida desgostosa, só mesmo muita dança, muita bebida, e muita mulher gostosa! Ai, ai, ai, Ana!!!

(BENICO e MANDUNGUINHA surgem cantando, atravessando a valsa com um samba.)

PELO TELEFONE

(Composição de Donga e Mauro de Almeida, 1916.)

BENICO E MANDUNGUINHA

*Ai, ai, ai, deixa as mágoas para trás, ó rapaz
Ai, Ai, ai, fica triste se és capaz e verás
Pá, pá, pá-rá-pá, pá, pá-rá-pá, pá, pá-rá-pá-pá!
Olha a rolinha, sinhô, sinhô!
Se embarçou, sinhô, sinhô!
É que a vizinha, sinhô, sinhô
Nunca sambou, sinhô, sinhô!
Pois este samba, sinhô, sinhô
É de arrepiar, sinhô, sinhô!
Põe perna bamba, sinhô, sinhô
Mas faz gozar!!*

(O TOCADOR de violão, surpreendido pelo samba, desceu e voltou com um pandeiro. O CREDOR entrou na dança no meio dos bonecos e dança com DONA ANA. A música acaba de repente e todos somem, menos DONA ANA, que olha em volta, procurando alguém. O CREDOR aparece e a puxa para baixo. Começa uma música sublime dedilhada ao violão. O CREDOR e DONA ANA surgem novamente, olham-se, olham o público e colam seus rostos. Vê-se que ele está apaixonado. Ela a faz girar lentamente como uma bailarina, até que os dois somem para baixo, coincidindo com o fim da música. Surge a boneca MANDUNGUINHA.)

MANDUNGUINHA

Boquinhas, abraços e beijos! Boquinhas, abraços e beijos!

TOCADOR

(Surge zangado.)

Abaixa a saia, Mandunguinha!!

MANDUNGUINHA

Não quero! Hei de levantar até o joelho para mostrar que tenho umas pernas bonitas como as lindas estrelas e grossas como os fortes engenhos!

TOCADOR

(Furioso.)

Aaah! Não me faz te pegá nojo!

(Dá-lhe um soco no nariz.)

MANDUNGUINHA

Aaai! Está como uma língua de chimango!

(Ela some para baixo. Ele olhando na direção em que ela sumiu.)

TOCADOR

E aproveita que eu tô calmo!...

(Subitamente ávido.)

Opa! Cadê a Tia Tubina pra mim dá umas umbigada nela?

(Sai procurando alguém. MANDUNGUINHA volta de repente.)

MANDUNGUINHA

A-há!! É puca, mano Juca! Vai de rodaaaa!!

(Vem correndo e lhe dá um soco na barriga. TOCADOR cai pra frente, como um boneco estropiado. MANDUNGUINHA comemora.)

Boquinhas, abraços e beijos!

TOCADOR

(Voltando a si.)

Aaah! Tu não és pera que se coma!!!

(Agarra-a pelo pescoço e a esgana. Ela desaba e some. Ele limpa as mãos.) A la pucha... Agora eu vô é me deitá nos pelego!

[Sai andando e vai sumindo pra baixo, com se descesse uma escada.]

MANDUNGUINHA

[Voltando.]

Hi-hi-hi... Foi meu par brigando; há de sê-lo também camando...

[Vai saindo na mesma direção e do mesmo jeito que ele. Apaga-se a luz do teatro de bonecos, ouve-se a conhecida sinetinha do CREDOR e uma cortina se abre noutro ponto. Vê-se o CREDOR e DONA ANA. Ela está deitada com seu longo vestido esparramado no chão. Toda a cena é lânguida, um idílio. O CREDOR a abraça demoradamente e então começa a despir-se, visivelmente emocionado e um pouco ansioso. Ela movimenta suavemente os braços, atraindo-o. Ele tira o paletó e o pendura num cabide imaginário. O paletó cai no chão. Quando ele abre o zíper, um violão rompe o silêncio e uma voz começa a cantar ao fundo uma melancólica milonga gauchesca. O CREDOR levanta seu vestido e vê-se de pronto que ela não tem as pernas: no lugar delas há uma mesa com rodinhas, como a mesa do QUADRADO. Ele acaricia as pernas da mesa, faz girar as rodinhas e ela fica excitada; ele abaixa as calças e, sem tirá-las totalmente, deita-se sobre DONA ANA. Durante toda o resto da cena escuta-se a música.]

LOS EJES DE MI CARRETA

[Composição de Atahualpa Yupanqui e Romildo Risso, 1948.]

VOZ

*Porque no engraso los ejes
Me llaman abandonao
Si a mi me gusta que suenen
Pa' qué los quiero engrasar*

*Es demasiao aburrido
Seguir y seguir la huella
Demasiao largo el camino
Sin nada que me entretenga*

*No necesito silencio
Yo no tengo en qué pensar
Tenía, pero hace tiempo
Aura ya no tengo más*

*Los ejes de mi carreta
Nunca los voy a engrasar*

(A transa acaba com o fim grave da música. O CREDOR levanta-se apressado e, segurando as calças, fecha a cortina. As luzes baixam, menos uma sobre BARBOSA, que surge sentado numa das últimas fileiras da plateia, com o livrão de registros. Ele confere penosamente os números no livrão com sua voz pastosa de velho.)

BARBOSA

Gumerindo de Almeida: CPF nº 585689752. Maria Antonia: CPF nº 684594763.

(Respira fundo, cansado. Dá uma olhada pros lados, vê que ninguém está espiando e tira do sobretudo uma cadernetinha pessoal. Começa a ler feliz.)

Seu Alberto: telefone 541-5090. Dona Cecília: 867-0781.

(À medida que lê, a atriz vai retomando sua voz normal e lendo os telefones de seus próprios amigos.)

Clarissa: 262-9281. Ernesto: 324-5678. (Etc.)

CREDOR

(Aparece durante o monólogo de BARBOSA, que não o ouve.)

Sr. Barbosa! O sr. havia dito que poderia me levar à... ou então verificar se...

(Barbosa continua falando, sem prestar atenção.)

Tudo bem, Sr. Barbosa... não tem problema. Eu vou falar com o chefe da 4ª seção. Muito obrigado, Sr. Barbosa. Obrigado mesmo!...

(Noutro ponto acende-se uma luz sobre o CHEFE, que está sentado num banquinho. Usa óculos escuros iguais aos do QUADRADO. Parece desolado, cheio de remorsos. Ouve-se a voz de uma das discípulas do QUADRADO cantando ao som de um tantã.)

WINE MEREWÁ

(Música tradicional do povo Suruí, adaptada por Marlui Miranda, 1995. Transcrição fonética adaptada por esta edição.)

DISCÍPULA

Ponhê tchangaka

Pararê itchare

Paikiriri paikiriri

CHEFE

Quebrei relógios... estraguei leques... rasguei lenços... E agora, com que cara fico??? Nada posso consertar, pois nada aprendi. Estou perdido, perdidíssimo, enlouqueço!

(O CREDOR aparece e o escuta. Ele se dirige a todos. O tantã da DISCÍPULA continua, pontuando toda sua fala.)

Por favor, meu senhores... senhoras... digam que me perdoam, sim? Por caridade, por obra de misericórdia! Sejam religiosos! Mintam, ao menos para me consolar. Digam que me perdoam, me amem, senão eu morro!!

(Começa a delirar cada vez mais, retorcendo-se e circulando pela espaço.)

Eu não sei como se abre essa minha cabeça, que está sempre pronta a tudo receber! Eu quisera vê-la fechada com um só pensamento!! Mas um ar, um ar se infiltra na minha cabeça!! Ah, que dor de cabeça eu sinto! Me acudam! Minha cabeça, abre a minha cabeça, abre a minha cabeça!!! Meu senhor, minha senhora, abre, ajuda, por favor, ajuda!! A sra. é tão bonitinha... Eu preciso de... eu preciso... Meu senhor... você aí!!

(Agarra o CREDOR. Começa uma dança frenética com ele, fazendo-o rodar, saltando no seu colo, carregando-o etc.)

Uma ajuda! Uma ajuda com pimenta! Pimenta, sal ou pimentão. Um crister ou cristel em seringa ou cheringa de repuxos de pimenta! Sim! Sim!! Eu preciso! Eu preciso!! Aaahhh!!!

(Atira-se sobre o CREDOR, que se desvia e o CHEFE se estatela no chão, acabado. Ouve-se uma voz dar as notas de "O Guarani" de Carlos Gomes, lembrando a rádio Voz do Brasil. Um foco se acende em outro ponto e vemos uma mulher de dimensões enormes, que se vira lentamente, vestida com um tailleur vermelho e segurando um abacaxi. É a INSPETORA.)

INSPETORA

Tivemos o desprazer de vê-lo no mais deplorável estado que se pode imaginar! Agora que se encontra restabelecido, é o quanto basta para que retorne ao trabalho!

(O CHEFE levanta-se, se apruma, dá um tapinha no ombro do CREDOR.)

CHEFE

Sim, claro... muito bom, perfeitamente...

(Vai saindo, deixando antes os óculos escuros com alguém do público.)

...setor de ótica, por favor...

(A INSPETORA volta a comer seu abacaxi.)

CREDOR

Senhora Inspetora...

INSPETORA

(Voltando-se.)

Pois não?

CREDOR

Senhora Dona Inspetora...

INSPETORA

Eu mesma!

CREDOR

É a centésima décima segunda vez que eu venho a esta repartição. Eu preciso, eu necessito receber o meu dinheiro hoje.

INSPETORA

Chegue mais perto.

(Ela estende a mão, o CREDOR pensa que ela quer cumprimentar e avança animado para ela.)

INSPETORA

O papel.

(O CREDOR, desapontado, entrega o papel. A INSPETORA pega o papel do plástico, cheira-o e larga o abacaxi no chão. A conversa passa a ser pontuada por toques de um pandeiro. O CREDOR tenta falar, mas a INSPETORA não lhe dá espaço.)

Eu estou reconhecendo o senhor! Olha, o senhor é muito famoso aqui nessa repartição. Muito! O senhor pode ficar tranquilo. Tranquilíssimo. Porque nós temos aqui uma equipe de funcionários extremamente competentes para auxiliar no seu problema. Certo? Um pouquinho de otimismo, meu caro. Um pouquinho de otimismo, tá? O senhor, por exemplo, não tem lido os jornais? Não, pelo visto, não. Porque o risco-país no Brasil caiu nos últimos meses. De outubro até ontem, o risco-país sofreu a maior queda, de 35%. 35%! Em apenas cinco meses! O senhor está precisando levantar essa estima! Está muito baixa. Por favor, levante essa estima.

O senhor tem que compreender que nós estamos do mesmo lado. Eu sou da sua turma. O senhor é da minha. Se nós formos juntos, conseguiremos solucionar algumas coisas, certo?

[Sempre com o papel na mão, a INSPETORA começa a sambar ao som do pandeiro, e engaja o CREDOR, que continua tentando falar, mas começa a sambar também, como se fossem mestre-sala e porta-bandeira.]

Olhe, por exemplo, o senhor observe os indicadores de preço, certo? O INPC do IBGE. O IPC da Fipe. Isso sem falar no IGP e o IOF, e a DDA, e a TPM, e o FMU. Por favor, por favor! A maior empresa do Brasil registrou lucro recorde em 2005. Ai, meu Deus! Estamos vivendo um momento de muitas realizações! Muitas! E todos nós, juntos, eu, você e todos os funcionários da Fazenda Nacional, vamos resolver o seu problema!

[A música cessa, eles param, o CREDOR se rejubila, comemora, abraça a INSPETORA.]

Ai, que ótimo, obrigada! Graças a Deus, que ótimo! Isso! Só que por gentileza, por enquanto, o senhor espera na sala ao lado.

[O CREDOR estaca e olha para ela atônito. Tenta balbuciar alguma coisa.]

CREDOR

Mas... a sra. não está compreendendo...

INSPETORA

Eu estou compreendendo tudo.

CREDOR

Senhora Dona Inspetora...

INSPETORA

Sim?

CREDOR

[Cada vez mais aflito.]

É a centésima décima...

INSPETORA

O senhor espera na sala ao lado.

CREDOR

Será que se nós pudéssemos...

INSPETORA

Nós estamos resolvendo. Por favor, confie em mim. O senhor espera na sala ao lado.

CREDOR

O que está acontecendo...

INSPETORA

Na sala ao lado.

CREDOR

Por favor, senhora...

INSPETORA

Na sala ao lado.

CREDOR

(Implorando, desesperado.)

Se não for a senhora, quem será? Por favor, por favor!...

INSPETORA

NA SA-LA AO LA-DO!!!!!!!!!!

[A última frase da INSPETORA vem como um grito em câmera lenta, soltando uma nuvem de sopro e bafo que joga o CREDOR pra trás em câmera lenta. Ele vai recuando de costas, abanando com a mão pra não sentir o bafo, até sair da sala.]

[A INSPETORA, sozinha, começa então aos poucos a cheirar o papel, lambê-lo e por fim Põe-se a mastigá-lo avidamente, devorando o documento. O CREDOR, inconformado, volta e ao ver aquilo lança-se sobre ela aos golpes, socando o enorme corpo da INSPETORA e tentando reaver os pedaços do requerimento da boca dela e do chão.]

CREDOR

Não!! Não!!!

INSPETORA

Ah!! Socorro!! Segurança!!!

(O CREDOR para de bater e fica rastejando pelo chão, gemendo. A INSPETORA começa um discurso. Transforma-se em PULQUÉRIA, a mãe.)

PULQUÉRIA

Meu deus!! Que admiração, minhas amigas, serem as nossas filhas a principal causa de todas as nossas ações...

(Começa a tirar o tailleur vermelho, primeiro a parte de cima e depois a saia.)

Nós as concebemos, nós as temos, nós as amamentamos, nós as criamos, nós as amamos!! E tanto, tanto...

(Agora PULQUÉRIA está totalmente nua, em seu enorme corpo veem-se os seios e os pelos púbicos superdimensionados. O CREDOR se aproxima, hipnotizado, até os pés dela. Abraça as pernas dela e tenta de várias maneiras entrar de cabeça em sua vulva.)

Minha querida filha, quanto te amo! Ah, se eu te perdesse, que dor acerba eu sentiria, que sentimento profundo o meu coração ralaria! Sim... és minha! Serás sempre minha! Criar-te-ei; farei tudo, tudo por ti! Vem cá...

(Ela se senta e toma o CREDOR prostrado em seu colo. Bem atrás de PULQUÉRIA surgem duas figuras femininas que observam sorridentes a ação, RUMÂNICA e ANINHA, formando com as cabeças a imagem de uma espécie de 'totem'. O CREDOR vacila, hesita, mas acaba não resistindo e começa a mamar nos seios enormes de PULQUÉRIA.)

RUMÂNICA E ANINHA

(Enternecidas.)

Aaaahhhh...

(Ouvem-se sons de fundo bucólicos e infantis como música de ninar. RUMÂNICA e ANINHA, sorrindo sempre, também fazem sons, abrem os braços e os agitam suavemente, como asas num leve voo. PULQUÉRIA, amamentando sentada, fala ao público.)

PULQUÉRIA

Nós as amamos!! E tanto, tanto, que seria impossível não fazermos por elas mesmo os maiores sacrifícios!!

(Música cessa. As mulheres do 'totem', subitamente, interrompem em dúvida sons e gestos e se entreolham.)

RUMÂNICA E ANINHA

Sacrifícios??...

(A música volta.)

Aaaahhhhh...

(Deixam pra lá e retomam sua ação de som e asas.)

PULQUÉRIA

É uma dívida, minhas amigas, que pagamos a nossos progenitores ou à natureza, dívida de dever, de honra, de gratidão e de amor!

RUMÂNICA E ANINHA

(Música cessa. Novamente em dúvida.)

Dívida?? De amor??...

(A música volta.)

Aaaahhhhh...

(A música volta. Deixam pra lá e retomam sua ação.)

PULQUÉRIA

Nossos filhos pagarão a nossos netos... e assim será sempre o mundo em que habitamos.

RUMÂNICA E ANINHA

(Música cessa. Novamente em dúvida.) Nós??... Habitamos???... Aqui???... (A música volta.)

Aaaahhhhh...

(A música volta. Deixam pra lá e retomam sua ação.)

PULQUÉRIA

(Para o CREDOR.)

Mama o peitinho agora, mama...

(O CREDOR começa a querer sair dali. RUMÂNICA e ANINHA observam, riem e fazem sons e trejeitos que se usam com bebês.)

Não solta o peitinho, mama direitinho! É gostoso o peitinho da mamãe! Mama tudo, mama o peitinho da mamãe!!

(O CREDOR agora luta desesperadamente para se desvencilhar dos seios de PULQUÉRIA, que gargalha e o agarra firme. Ele enfim se solta e vai para o público, vagando esgotado. PULQUÉRIA o chama de volta, enquanto as outras continuam os sons para nenéns.)

PULQUÉRIA

Filhinha! Vem mamá mamãe! Vem! Aqui, filhinha, t-t-t, ó a tetinha, aqui, leitinho! Vem agora...

(Ele ignora o pedido.)

Filha, não faz a mamãe ir até aí, que ela não gosta!

(O CREDOR não volta, continua vagando. Ela ameaça.)

Filhinha, vem aqui mamá mamãe peitinho agora!

(Ele ignora. PULQUÉRIA se ergue e abre os braços, amorosa. As outras se afastam.)

Filhinha, amor, vem cá mamá mamãe, leitinho quentinho filha! Vem se alimentar, vem crescer, vem!

(O CREDOR se vira para ela, finalmente. Hesita em voltar ou não. Ela lança um comando repentino.)

laaaahhh!!!!

(RUMÂNICA, ANINHA e o CHEFE vem se surpresa e cravam os bastões-canetas no corpo do CREDOR, que grita de dor e fica por um instante como um São Sebastião, cheio de flechas no corpo. Retiram as canetas em seguida, ficando apenas uma, cravada em seu peito. De olhos fechados, ele começa a rezar.)

CREDOR

Quando a tempestade do desassossego e da dúvida levantar um turbilhão em minha alma e o dragão do desespero rugir no meu coração, confio: há de surgir o cavaleiro da esperança, São Jorge, e devolver-me a paz e a alegria com Deus e com os homens.

(Repete a oração várias vezes. Sai andando, sempre com a caneta-bastão cravado em seu peito. Tantãs e tambores acompanham sua reza e o público vai sendo conduzido para um outro espaço.)

(Chegam a um espaço bastante pequeno que é uma lojinha de roupas e sapatos, com a dona, uma velha de xale e bengala chamada CHINCHINA, e dois empregados de avental, NARIZ e CAFEZINHA. Vão recebendo o público no espaço e ajudando-o a se acomodar numa pequena semiarena. CHINCHINA faz versinhos, interações com a plateia, já tentando vender alguma coisa. Quando todos já se sentaram, ouve-se uma campainha de agogô e ela percebe alguém sentado entre o público.)

CHINCHINA

O senhor aí! O senhor precisa de sapatos!!

(Os funcionários lançam-se sobre o CREDOR, arrancam-lhe a caneta do peito, puxam-no para o meio da lojinha. CHINCHINA vai cantando slogans e dançando enquanto os funcionários atendem.)

Lojinha do Chinchina, prazer em te atendê.
Tem de tudo um pouco, baratinho pra você.
Lojinha do Chinchina, prazer sem igual
Compra tudo agora e só paga no Natal.

(Os funcionários deitam o CREDOR no chão, tiram-lhe os sandálias e mostram um par de sapatos.)

CREDOR

Este é grande!

(Tenta escapar para o público, mas os funcionários o agarram para oferecer outro par.)

CHINCHINA

Se sapato está grande
Pequeno nós vai te arrumar.
Tenho certeza que desse azulzinho
O senhor vai gostar.

(Mostram pra ele um par de sapatos minúsculos, levantam-no e tentam enfiar-lhe os sapatinhos nos pés à força, até que ele grita. CHINCHINA ralha com os funcionários.)

CHINCHINA

Troca! Troca!!

Sapato apertado não bom é.

Mas senhor Credor

Tenha paciência

A culpado é seu pé.

(NARIZ fica de quatro e serve de cadeira para o CREDOR, enquanto CAFEZINHA lhe calça outro par, NARIZ assovia a melodia Do “Tema de Lara”, enquanto CHINCHINA canta.)

Agora sim

O senhor vai gostar.

Estos sapatos

Pertenceu a Ali Babá.

(O CREDOR se levanta e sai caminhando para o público, pisando nos calcanhares do novo sapato, equilibrando-se. Os funcionários o puxam de novo para se olhar no espelho. CHINCHINA e NARIZ levantam um bastão criando um espelho imaginário, onde CAFEZINHA é o reflexo do CREDOR. Imagem e reflexo se olham, se tocam e de repente, com um grito, trocam de lugar. O CREDOR entra para dentro do espelho e a imagem sai. Um som hipnotizante toma conta do ambiente. O CREDOR, sempre equilibrado nos calcanhares, flutua dentro do espelho, enquanto a imagem o olha impassível. Ele estende as mãos, novo grito, e eles trocam de lugar de novo. O CREDOR volta do espelho.)

CHINCHINA

Elegante!... Sensual!!...

CREDOR

(Ainda se olhando no espelho.)

]Vou levar tudo!!!

(Todos festejam. Os funcionários desmontam o espelho e pegam todos os pares de sapatos, colocando-os nas mãos do CREDOR. CHINCHINA canta.)

CHINCHINA

Esso sim que é bom!

NARIZ

Bom!

CHINCHINA

Sapato, sapatinho, sapatón!

NARIZ

Sapatón!

CHINCHINA

E o senhor pode pagar com cheque.

CAFEZINHA

Com cheque!

CHINCHINA

Dinheira!

NARIZ e CAFEZINHA

Dinheira!

TODOS

Ou cartãããão!

(A dona da loja mostra a fatura. É o papel do requerimento do CREDOR, ainda no seu plástico)

CHINCHINA

O nota!

(O CREDOR hesita por um instante, em seguida começa a arremessar os sapatos sobre todos na lojinha, num ataque de fúria.)

CREDOR

Eu não pago a este diabo!!! Pra vocês, da próxima vez, aprenderem a tratar melhor os seus clientes!!! Eu não pago!! Eu não pago!! Eu não pago a este diabo!!!

(Sai andando da lojinha, pisando forte sobre os calcanhares, com suas sandálias na mão. Os funcionários tentam impedir, mas só tem coragem de xingá-lo de longe.)

CHINCHINA

(Gritando indignada.)

Que não paga diabo!! Pega, pega ladrón!!! Ah, eu não vou aguentar!!

[Começa a passar mal, CAFEZINHA a ampara, NARIZ lhe dá água, justo quando a campainha da loja toca de novo.]

CHINCHINA

Um cliente!!

[Os três refugiam-se atrás de um bastão com roupas penduradas, como se fosse um balcão. Entra a CLIENTE, com as roupas da moradora de rua BOCA da cena inicial.]

CLIENTE

O sr. tem calças de morroquim?

CHINCHINA

Calças de marroquim?! Onde viu o senhor calças de marroquim?

CLIENTE

De alfinim, ou de toquim, tem?

CHINCHINA

Não tem, menino. E mesmo dessa qualidade, penso que só para xales!

CLIENTE

Vejamos das que tem!

[Pega uma calça que estava pendurada no bastão e veste. A dona da loja e os funcionários, ainda protegidos atrás do bastão, mantém a distância da CLIENTE, passando pro outro lado.]

CHINCHINA

[Para o público.]

Espero que esta não venha aqui especular, como o que daqui saiu há pouco. Estou com bem receio de a aturar! Mas enfim, quem tem casa de negócio dispõe-se a tudo.

CLIENTE

Ah, serve!! Quanto custa?

CHINCHINA

O metro é... cinco.

NARIZ

Dez!

CAFEZINHA

Quinze!

CHINCHINA

Vinte francos!

CLIENTE

Que barato! Como vende por tão pouco dinheiro as suas obras!? Paletó, qual o preço?

(Pega outra peça do bastão. Os lojistas, menos desconfiados, erguem-se agora mais por trás do bastão de roupas.)

CHINCHINA

Olha, isso é coisa muito fina, hein? Tá pra...

NARIZ

Dez!

CAFEZINHA

Mil!

CHINCHINA

Dez mil!

CLIENTE

Não é caro! Não...

CHINCHINA

Não é caro...

CLIENTE

Coletes! Quero da casimira mais fina que tiver!

(Pega a última peça que estava pendurada no bastão. Não há mais balcão para se proteger, e todos estão felizes. Forma-se o espelho, NARIZ é a imagem.)

Ah, serve!! Já sei! Vou levar tudo!

(Todos comemoram e começam uma dancinha junto com o CLIENTE, enquanto ele fala.)

É só mandar a nota na Rua dos Preguiçosos, número 250, segundo andar.

[Para com a dancinha e vai sair. CHINCHINA a impede com a bengala.]

CHINCHINA

Menina. Mas eu não te conheço.

CLIENTE

Mas eu não disse que mande a tal casa e a tal rua? Que mais quer?

CHINCHINA

Eu não sei! Quem é você?...

[Em vez de dirigir a pergunta à CLIENTE, ela se fixa em alguém do público. Os funcionários e a CLIENTE também olham para a pessoa. Todos se juntam e se aproximam da pessoa, encarando-a de perto. A pessoa talvez diga seu nome, “Maria Cristina”, p. ex.]

CLIENTE

Maria Cristina. Deixe por minha conta.

[Quer sair. Os funcionários a impedem de novo.]

CHINCHINA

Opa! Menina! Eu não posso. Eu não tenho quem vai lá agora.

[Os funcionários começam a realizar afazeres pela lojinha, inventando tarefas e assoviando.]

CLIENTE

Ah, não tem quem vá lá agora?...

CHINCHINA

Não, muita ocupação na lojinha...

[CLIENTE pegou o bastão, que agora vira uma arma. Agarra CHINCHINA pela gola e a joga ao chão, encosta a arma no seu peito. Os funcionários fogem apavorados. Som de tantãs e tambores.]

CLIENTE

Mas eu tenho um cá! Quieta! Quieta!!!

CHINCHINA

Calma! Ai, ai, ai, calma!!! Eu não quero morrer!!
[Etc.]

CLIENTE

Quando a criação ainda era nova, os deuses cantavam: “Oh, imagem da perfeição!” Mas vendo que as pessoas por aqui mal vivem, ou pior, vão morrendo, Deus deu no pé! A última imagem que viu foi a de corpos caindo, sangrando. E o último som estava cheio de gritos e de lágrimas!! Velha filha da puta!! É isso que vocês querem, senhoras autoridades? É isso? Então, a época será de roubo e de assassinato! Eis a paga!!!

[Crava a arma na barriga da CHINCHINA. Cessam os tambores. A CLIENTE foge. Funcionários voltam em choros e lamentos e amparam a CHINCHINA com o bastão, como se fosse um balcão novamente. As tripas lhe saem pela barriga.]

CHINCHINA

Eis as consequências de um país mal policiado! Onde as autoridades, assim como alguns outros, dão o mal exemplo do roubo, da violência e da rapina! O cidadão tranquilo, trabalhador honesto, é em sua casa apunhalado e roubado do que tem! O adúltero, o ladrão, o assassino é protegido, amparado, e quiçá, louvado e elevado! Por isso tantas guerras, tantas pestes, tantas mortes e tantos males!

NARIZ

Agora é o instante de cada um de nós ter a sua faca, afiada e pronta para quando o primeiro aparecer pela porta, e ao menor movimento, lançá-lo por terra! Faremos dessa oficina um baluarte!! Vamos –

CHINCHINA

Não! Um baluarte é pouco. Será uma fortaleza contra todos os nossos clientes! Vamos matá-los logo à entrada, a fim de roubar a dinheirinha que tiverem! E assim não precisamos mais trabalhar de sapateiro ou alfaiate!

[Os três agarram o bastão, para firmar o pacto.]

TODOS

Juremos!!!

[Todos saem correndo dali, exceto NARIZ, que tira o avental e o gorro, ajeita a gravata e torna-se o CHEFE. O CREDOR retorna ao ambiente. O CHEFE toma o bastão como uma caneta.]

CHEFE

Senhor Criador da Fazenda Nacional, ouça com atenção!

[Explicando para o público.]

Hay hombres que luchan un día, y son buenos. Hay otros que luchan un año, y son mejores. Hay los que luchan muchos años, y son muy buenos. Pero hay los que luchan toda la vida.

(Indica o CREDOR.)

Estos son los imprescindibles.

(Vai até o CREDOR e o empurra para o centro, ficando às suas costas.)

Caríssimo contribuinte, lamentamos informar que a Fazenda Nacional, apesar de repetidos esforços no sentido de garantir seus direitos constitucionais, não pôde chegar a bom termo quanto à sua solicitação.

(Vai até ele e oferece-lhe a caneta-bastão, traçando uma linha imaginária à sua frente.)

Queira agora, por favor, assinar o protocolo. Na linha é pontilhada.

(O CREDOR, no limite de suas forças, equilibrando-se nos sapatos, sem sequer ter mais voz, tenta um último apelo, colocando as mãos sobre o CHEFE, que constrangido, vira o rosto e lhe mostra novamente a caneta. O CREDOR segura então a caneta, o CHEFE a solta e sai, e ela parece incrivelmente pesada para a mão do CREDOR, sua ponta cai no chão. Reunindo o que lhe sobra de vida, ele levanta a caneta e fala.)

CREDOR

Homem, esquece. Divina é a arte de esquecer. Se sabes elevar-te, se queres estar com Deus em sua casa nas alturas, joga no mar aquilo que tens de mais pesado. Eis o mar!

(Ouvem-se os acordes de violão da milonga “Los Ejes de Mi carreta”).

Joga-te no mar! Divina é a arte de esquecer.

(Com a ponta da caneta, ele traça um corte no seu peito e molha a ponta no sangue. Assina então na ‘linha pontilhada’.)

“José Joaquim”.

(Uma voz canta ao som do violão)

VOZ

*Senhor eu quero exaurir-me
Senhor, concede-me paz
Pois tudo que vejo firme
Em nada essa mão o faz*

(O CREDOR deposita o bastão do chão e vai retirando-se.)

*E toda tristeza antiga
Não muda com o combater
Minha mão, que me castiga
Se extingue em me defender*

(Vemos o CREDOR ir se afastando, virando pouco a pouco uma figura na distância. A voz continua cantando a música. Ao longe vem correndo os moradores de rua da primeira cena. Passam pelo CREDOR, ocupam o centro da cena e gritam.)

BOCA, NÓIA e ZÓIO

Juremos!!! Unidos pela força e pelo segredo! Mataremos, roubaremos e enriqueceremos!!!

(Saem correndo de novo, passando pelo CREDOR e provocando-o, pegando seu paletó etc. O CREDOR começa a correr junto com eles, até todos desaparecerem ao longe, ao som do violão.)

* * *



REALIZAÇÃO



**CIDADE DE
SÃO PAULO**

CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA

Este projeto foi contemplado pela 42ª Edição do Programa Municipal de Fomento ao Teatro para a cidade de São Paulo - Secretaria Municipal de Cultura e Economia Criativa